8. Historiografia e hermenêutica da filosofia brasileira segundo Washington Vita

*Adelmo José da Silva Filho –
Bacharelado em História pela UFSJ e Direito pelo UNIPTAN
Prof. Dr. Adelmo José da Silva - UFSJ
Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ
adelmojs@ufsj.edu.br
Data de recepção: 20/12/2017
Data de aprovação: 01/03/2018*

RESUMO:

Nosso objetivo, neste texto, é apresentar as principais contribuições do intelectual brasileiro Luiz Washington Vita no que se refere à hermenêutica da filosofia brasileira. Neste sentido, ressaltaremos a sua grande contribuição intelectual ao estudo do pensamento brasileiro, especialmente ao apontar a necessidade de interação com a intelectualidade portuguesa, visando uma maior compreensão da nossa realidade. Trataremos deste tema mediante comentários de suas posições e de seu grande papel enquanto intelectual brasileiro.

PALAVRAS CHAVE: Interação, estudo, brasileiro, português, pensamento.

1.Considerações iniciais

Ao tratar de Luiz Washington Vita não se pode separar o homem de seu tempo, sob pena de ser omissivo e negligente. Omitir os fatos que compõem a trajetória desse eminente filósofo é crer que um pensador nasce e se desenvolve como um acidente e suas obras seriam produto de uma das coincidências cósmicas e evolutivas.

Sobretudo, tratando-se de um apaixonado pela História, como trata Miguel Reale:

A história tinha para ele um significado imanente, título, aliás, de um de seus melhores ensaios, por ser a livre auto realização e decisões do espírito, de tal modo que, se cada descoberta da verdade transcende o espaço e o tempo, é ubíqua e anacrônica. Daí seu constante esforço de buscar a razão histórica como superamento do mero acontecer dos fatos, o que o levou a indagar do sentido subjacente mais profundo do pensar brasileiro, só aparentemente redutível a uma trama passiva de influências externas” - (Reale, 1968, p. 387)

A história deste grande personagem tem um marco definitivo, unânime, ao ser tratada pelos comentadores, sobretudo, pelo ilustríssimo Miguel Reale, seu amigo próximo. Refiro-me ao fato ocorrido em 1936, quando, em um lamentável acidente, Luiz Washington Vita perdeu um calcanhar na linha do bonde. E não como Aquiles, teve o oposto desdobramento ao caso do ilustre herói da mitologia grega, isso porque aquele trágico acontecimento constituiu-se como o princípio de seu aprofundamento nas leituras e nas pesquisas.

Devido à incansável reflexão sobre o lamentável fato que lhe havia ocorrido, teve na Filosofia um suporte para sua recuperação. Recuperado, Luiz Vita jamais voltou à forma normal. E essa

limitação física, o levou a dedicar-se mais à atividade intelectual, mais devotado à pesquisa e aos trabalhos acadêmicos, como bem demonstra no supracitado trecho de Miguel Reale, a busca pelo sentido do trágico acidente sofrido.

Foi responsável, já na condição de Membro Diretor do Instituto Brasileiro de Filosofia, por estabelecer grandes empenhos em aproximar o IBF de instituições filosóficas da América Latina e Portugal. Segundo Miguel Reale, na biografia do amigo, inclusive tendo este como o realizador do ideal de Fernando Pessoa, a saber, o *Filosofo da Língua Portuguesa*, o intelectual que transcendia as fronteiras, estabelecia um pensamento de língua portuguesa e não somente de cunho nacional, mas especialmente de cunho reflexivo.

Ainda com dados do *In memorium*, a sua biografia, assinada por Reale, é evidente a força de Luiz Washington Vita, seja na superação de seu trauma pessoal, de seu sofrimento físico e emocional decorrente do triste episódio que marcou sua vida, bem como na atuação, no trabalho e no empenho em construir uma nova filosofia no Brasil. Foi modesto ao ponto de jamais se propor como um teórico revolucionário, muito menos extraordinário, se identificando apenas como um apaixonado pela filosofia. O que é convincente, de certo modo, já que este foi, sem dúvida o caminho natural traçado por ele após o acidente físico e fonte de sentido existencial no decorrer de sua vida.

Era um proponente de uma filosofia brasileira internacional. Também tinha pelo país um interesse muito grande, o que fica evidente ao se analisar sua biografia, bem como seu célebre trabalho *Pequena História da Filosofia*, em que traça uma trajetória da filosofia mundial e, ao fim, faz um balanço dos avanços da filosofia no Brasil. Aposta e deposita fé na capacidade de nosso povo em produzir e pensar a filosofia cada vez mais e com maior qualidade. Tendo visto de modo muito positivo, bem como Reale, uma característica naturalmente tida por muitos como problemática na filosofia brasileira à época, a grande pluralidade de temas entre as faculdades de filosofia.

Identificava-se, dentro das correntes de pensamento brasileiras, com diversas tendências: Os culturalistas e historicistas; os Idealistas e existencialistas; e os neotomistas e espiritualistas cristão, evidenciados ao final de seu trabalho *Pequena História da Filosofia*, de 1968.

Tratando-se de modo objetivo quanto a tais grupos, concebe o “Cientificismo e o Analiticismo”, corrente melhor representada por Pontes de Miranda (1894), jurista, oriundo e influenciado pela *Escola do Recife*.

Tem em Pontes de Miranda um filósofo com teses muito originais, em especial, em seu trabalho *O problema fundamental do conhecimento*, de 1937, tido por Vita como sua obra mais importante e original, cuja tese é de que tudo o que conhecemos é a partir de sensações e que estas sensações por si só já são abstrações. O Ser, portanto, seria algo que só nos é dado de modo abstraído, e cita como exemplo:

Não gostamos da manga, nem cheiramos o cravo ou a violeta, mas sim gostamos do gosto da manga, cheiramos o cheiro do cravo ou de violeta. Assim os sentidos não nos dão a realidade total do mundo, mas apenas aquilo que do mundo nos excita (Vita L. W., 1968, p. 2012)

Quanto à questão do Idealismo e Realismo, não caberia, portanto, no campo da consciência, pois apesar de que a mente trata de modo racional, em tais sentidos existem associações, induções, generalizações, enfim, uma gama de aspectos subjetivos na relação do ser com a existência. Pontes de Miranda teria defendido, segundo Vita, que seria uma infrutífera discussão debater se o mundo é a relação do objeto com o sujeito ou se é algo mais objetivo e prático. A solução seria, por conseguinte, tratar das semelhanças entre as correntes Idealistas e Realistas e minimizar as diferenças, concebidas como infrutíferas e estéreis. Segundo Vita,

Pontes de Miranda propusera então que a filosofia precisa de ambos, sentido e razão, para se complementar, onde um sem o outro seria “estéril”.

Tratando de Eurialo Canabrava (1903), traça um contraste interessante entre os dois pensadores, sendo este um filósofo analítico que negava esta relação entre metafísica e lógica por questões práticas. Há a suposição de que problemas metafísicos não poderiam ser resolvidos de modo lógico, podendo somente serem estes problemas solucionados de modo parcial, o que é por ele denominado de *técnica analítica*, a busca pelo que seria a finalidade da filosofia, a saber, o esclarecimento dos mecanismos das operações construtivas, explicitando as leis que regem a dinâmica do conhecimento.

O autor em questão tinha como fundamental objetivo evitar que a filosofia fosse reduzida à mera divagação irracional ou exercício verbal.

No que diz respeito ao culturalismo e historicismo, relaciona àquele movimento a figura central de Miguel Reale (1910) cuja reflexão, segundo Vita, possui caráter marcante no sentido de defender uma filosofia do concreto a despeito de fórmulas vazias ou abstratas, um pensamento capaz de integrar o homem e as coisas de modo mais efetivo.

O autor afirma que esta postura de Reale não representa ademais uma atitude de negação aos problemas metafísicos. Em “*Pluralismo e Liberdade*”, diz que há uma integração do subjetivo e do prático, do metafísico e do físico, sendo a existência humana um misto destes elementos.

Remontando-me a esta questão central, a figura do filósofo Luiz Washington Vita, sua relação com seu tempo e seu legado para o presente, é importante ressaltar seu compromisso com a história da filosofia no Brasil e o esforço em afirmar constantemente a existência de uma filosofia brasileira. Em sua biografia, é evidente a simpatia por Ortega y Gasset e a discordância com a ideologia do Golpe de 1964. Algo que também percebe-se evidente é o temor das consequências da exposição de suas ideias no contexto da publicação de sua obra *Pequena história da Filosofia*. No prefácio desta obra, insistentemente, repete que apenas trata dos pensadores e suas ideias e que nem sempre é sua opinião particular. Algo compreensível, tendo em vista que a publicação é datada do ano do temeroso *Ato Institucional Número 5* (AI5), que suspendeu por anos as liberdades Políticas, Cívicas e impactou de modo intenso as liberdades no meio acadêmico e cultural, dando carta branca à perseguição à autores e artistas.

Quanto à sua simpatia por Ortega y Gasset, adotou muitas ideias fenomenológicas de Max Scheler, sobretudo, aquelas onde este reflete sobre o primeiro. Adepto do pensamento culturalista de Tobias Barreto, sobretudo, na crença de que as ideias possam influenciar o meio e intensificar a exigência moral da intelectualidade, tinha quanto a este uma simpatia no que se refere a ideia de que a história possui como finalidade incorporar-se ao presente a fim de garantir um futuro melhor.

Vita parece indicar que a trajetória da filosofia no Brasil depende de considerar a tradição portuguesa, o que talvez explique seu empenho em manter relações institucionais e pessoais com Portugal. Exemplo desse vínculo por ele considerado importante é o seu empenho intelectual em estudar o pensamento de Antero de Quental e Leonardo de Coimbra.

Em sua obra *Panorama da Filosofia no Brasil* (1969), dedica o segundo capítulo, intitulado *As Origens Lusíadas* a corroborar a tese de que há uma indissociabilidade entre pesquisa sobre o pensamento brasileiro e a compreensão do pensamento lusitano.

Retomando a sua análise da Filosofia Brasileira quanto à questão do culturalismo, faz menção à objeção de Reale a Kant no que diz respeito ao homem enquanto legislador da natureza. Como já citado, segundo o pensador paulista, objeto e sujeito não são divisíveis e se correlacionam de modo recíproco.

Tratando do Marxismo, Vita traz à tona Caio Prado Junior (1907), que também se aventurou na Filosofia em seu livro *Dialética do conhecimento* (1952), tido como um trabalho que segue a ortodoxia materialista, apresentando o homem como algo inerente ao meio e à materialidade. Definiu o conhecimento como algo concebido realisticamente, pois, segundo o materialismo dialético a matéria determina a realidade, e, portanto, a consciência.

Quanto ao Idealismo, apresenta Renato Cirel Czerna (1922), o qual tem forte influência de Kant e Hegel, pregando uma objetividade lógica e uma ética racional.

Apresenta, em seguida, o existencialismo como oposição ao Idealismo e aponta como o mais importante desta corrente de pensamento Miguel Ferreira da Silva (1916), sob forte influência de Bertand Russel e pelo Círculo de Viena. E isto, tendo como ponto de partida a “*Dialética Transcendental Kantiana*”.

Em sua resenha, sobre o trabalho de Delfim Santos intitulado *Atualidade e Valor do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, faz defesa veemente da filosofia enquanto algo de extremo valor, atribuindo ao processo de gerar discípulos um feito louvável, onde Sócrates seria o exemplo mais icônico. Segundo Vita, Leonardo Coimbra fez o mesmo, onde seus amigos estudantes, discípulos, se tornaram mestres e continuaram seu trabalho de pesquisa.

Reitera que a Filosofia não é “cultivo de pensamento inútil e divagante”, mas algo plenamente indispensável para a compreensão do mundo e da realidade. Entende que o pensamento de Leonardo Coimbra é a anunciação da missão do homem no mundo, cuja busca espiritual é mantida. Algo que impede, segundo Vita, o conhecimento da verdade e da certeza, ainda que este reafirme que a Filosofia não é a busca pela Lógica do pensamento, nem somente teoria crítica do conhecimento, mas um instrumento que atribui valor à pessoa humana, e à sociedade, podendo se transformar, formar valores e princípios.

Este é mais um exemplo da importância dada por Vita ao pensamento português, como complemento fundamental às pesquisas filosóficas e históricas no Brasil. Entendemos que ele corrobora a tese de Antônio Paim em seu trabalho *Avaliação crítica entre a meditação ética portuguesa e brasileira*

Tanto o prof. Miguel Reale (1910/2006) como Luís Washington Vita (1921/1968) dava-se conta da importância de termos presente a nossa origem lusitana e cuidaram de estabelecer relações com estudiosos portugueses de seu tempo. (Paim, 2011, p. 1)

Concluindo, entendemos que Luiz Washington Vita é um entusiasta do intercambio de reflexões e saberes. Sua vida, especialmente, após o trágico acidente, foi dedicada a provar que há no Brasil quem ouse fazer uma boa filosofia e para tal, coloca a necessidade de manter se em contato com o velho continente mesmo como forma de assegurar a cientificidade e o bom êxito dos empreendimentos e das atividades intelectuais nesta área. A interação se faz necessária, considerando que não existe trabalho científico de bom êxito que seja exclusivamente endógeno. Suas palavras se verificam quando nos deparamos com projetos tais como Manhattan, sem entrar no mérito, Apollo, que colocou o homem na lua, Sputnik etc. Tais projetos se realizaram mediante interações científicas e humanas.

A ideia é de que não há elucidação das questões nacionais sem a colaboração da intelectualidade portuguesa. As questões indígena e colonial dependem de modo mais obvio e objetivo da colaboração portuguesa. A definição da identidade brasileira é algo que não pode ocorrer sem uma busca que envolva saberes universais, segundo Vita. O mundo mudou e o pioneirismo de Vita e dos que acreditavam em uma ciência sem fronteiras.

Talvez este seja este o maior legado de Vita, a necessidade de interação com os portugueses e com o mundo de forma geral. Assim também a capacidade de superar as adversidades por meio da indagação, da reflexão e do trabalho. Vita foi, sem dúvida, um grande pensador, um

eminente intelectual, cujo pensamento atravessará gerações. Morreu ainda jovem, em 1968, com apenas 47 anos, mas ainda assim superou o acidente físico sofrido aos 36 anos de idade, a perda do calcanhar. Esse acidente com Luís Washington Vita possibilita nos fazer um paralelo antagônico com o caso de Aquiles, o herói grego, mas há certa similaridade com o caso bíblico de Jó cujo sofrimento e as perdas o levaram à grande iluminação.

Referências

- Paim, A. Avaliação crítica da relação entre a meditação ética portuguesa e a brasileira. **Revista Estudos Filosóficos**, 2011, 282-288.
- REALE, M. *Pluralismo e Liberdade*, 1965.
- Reale, M. *In Memoriam - Luiz Washington Vita: 1921 - 1968*. São Paulo: Revista Brasileira de Filosofia, 1968
- Santos, D. *Atualidade e valor do pensamento filosófico de Leonardo*. Porto: Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, 1957 .
- Vita, L. W. *Resenha de Atualidade e Valor do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*. São Paulo, 1957.
- Vita, L. W. *Pequena Historia da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 1968.
- Vita, L. W. *Panorama da Filosofia no Brasil*. São Paulo, 1969.

ABSTRACT:

Our objective, in this text, is present the main contributions of the Brazilian intellectual Luiz Washington Vita regarding the hermeneutics of Brazilian philosophy. In this sense, we will highlight his great intellectual contribution to the study of Brazilian thought, especially when emphasizing the need for interaction with the Portuguese academics, focusing a better comprehension of our reality. We will deal with this theme by commenting on its positions and its great role as a Brazilian intellectual.

KEY WORDS: Interaction, study, brazilian, portuguese, thought.